



CEHA

CENTRO DE ESTUDOS DE HISTÓRIA DO ATLÂNTICO

Rua das Mercês, 8
9000-420 – Funchal
Telef (+351291)214970
Fax (+351291)223002

Email: ceha@madeira-edu.pt
alberto.vieira@madeira-edu.pt
<http://www.madeira-edu.pt/ceha/>



Um fidalgo madeirense empobrecido pede transporte para o BRASIL

Por Alberto Artur

Era devéras lastimosa a situação da Ilha da Madeira pelos meados do século XVIII.

Anos de estiagem de bem minguada chuva, mal deram para salvar a semente franzina que á terra não voltou; despejaram-se as reservas, e espaçosos ficaram os celeiros, escancarados á fome. As guerras que assolaram a Europa haviam paralizado o comércio e a navegação diminuíra tanto que era raro um barco aportar ao Funchal.

A maior parte da nobreza fugira das vilas e lugares, abandonando as suas terras cruas, emagrecidas, ingratas, para a gente e para as bestas, e viera acolher-se á cidade, encostar-se aos parentes, arranchar á sua mesa ou então, pedir cargos públicos ao Estado julgado elástico, para criar emprêgos, alegando a sua categoria e serviços prestados ao Reino, por seus maiores, com jús, agora, na crise, a comer á mesa da Fazenda Pública.

SARMENTO, Alberto Artur(1945):
Fidalgo madeirense empobrecido pede transporte para o Brasil

COMO REFERENCIAR ESTE TEXTO:

SARMENTO, Alberto Artur(1945): *Fidalgo madeirense empobrecido pede transporte para o Brasil* Funchal, CEHA-Biblioteca Digital, disponível em: <http://www.madeira-edu.pt/Portals/31/CEHA/bdigital/madeira-geral/1945-aasarmento-fidalgo.pdf>, data da visita: //

RECOMENDAÇÕES

O utilizador pode usar os livros digitais aqui apresentados como fonte das suas próprias obras, usando a norma de referência acima apresentada, assumindo as responsabilidades inerentes ao rigoroso respeito pelas normas do Direito de Autor. O utilizador obriga-se, ainda, a cumprir escrupulosamente a legislação aplicável, nomeadamente, em matéria de criminalidade informática, de direitos de propriedade intelectual e de direitos de propriedade industrial, sendo exclusivamente responsável pela infracção aos comandos aplicáveis.



Um fidalgo madeirense empobrecido pede transporte para o BRASIL

Por Alberto Artur

Era devéras lastimosa a situação da Ilha da Madeira pelos meados do século XVIII.

Anos de estiagem de bem minguada chuva, mal deram para salvar a semente franzina que á terra não voltou; despejaram-se as reservas, e espaçosos ficaram os celeiros, escancarados à fome. As guerras que assolaram a Europa haviam paralizado o comércio e a navegação diminuía tanto que era raro um barco aportar ao Funchal.

A maior parte da nobresa fugira das vilas e lugares, abandonando as suas terras cruas, emagrecidas, ingratas, para a gente e para as bestas, e viera acolher-se à cidade, encostar-se aos parentes, arranchar á sua mêsa ou então, pedir cargos públicos ao Estado julgado elástico, para criar emprêgos, alegando a sua categoria e serviços prestados ao Reino, por seus maiores, com jús, agora, na crise, a comer à mêsa da Fazenda Pública.

Estavam as coisas neste pé, quando Henrique Cesar de Bettencourt Berenguer dos nobres Berengueres da Calheta que se notabilizaram no transacto século, nas lutas contra os holandeses, no Brasil, vendo-se cheios de encargos e com a barriga vasia, se lembrou de passar-se ás terras de Santa Cruz, do outro lado do Atlântico, onde por lá tinha gente ainda de seu sangue e de bom trato

Era filho segundo de morgado. Seus avós haviam gastado o valor dos bens livres que possuíam, na fundação do convênto das Capuchas do Funchal, votado á Senhora das Mercês, reedificado duas vezes com avultadas somas, para que permanesse o padrão dos favores obtidos por sua família, ligada á de João Fernandes Vieira, o intrépido libertador de Pernambuco, e com mais razão, mais chegado monumento do que o Convênto de N.^a S.^a da Encarnação, edificado pelo Cónêgo Calaça, com a mesma intenção e cumprimento de voto, mas sem parentesco com os herois pernambucanos que admirava.

Em 16 de Novembro de 1746, requereu, portanto, Henrique de Bettencourt Berenguer, a el-rei, para ser admitido no número dos casaes

da Madeira, destinados a passar á Ilha de Santa Catarina, no Brasil, e que, atendendo a qualidade de sua pessoa, lhe fosse paga a viagem e á sua família e serviçais, que desejavam melhorar de sorte, tão adversa a que estavam sujeitos na sua terra.

Eis a gente da obrigação e encôstos:

Lista das pessoas de que consta a família do Capitão Henrique Cesar Berenguer

- 1—O Capitão Henrique Cesar de Oliveira.
- 2—D. Maria Henriques de Oliveira, sua mulher,

F I L H O S

- 3—Estevão José Berenguer.
- 4—António José Berenguer.
- 5—João Bettencourt Berenguer.
- 6—D. Sebastiana Maria das Mercês.
- 7—D. Teresa Bettencourt.
- 8—D. Maria de Castelbranco,
- 9—D. Ana Bettencourt.
- 10—D. Marcelina Joséfa Bettencourt.

P R I M O

- 11—José Feliciano Berenguer.

C R E A D O S , C R E A D A S E A M A S

- 12—Manuel Baptista, de Câmara de Lobos.
- 13—António Dias, da freguesia da Calhêta.
- 14—Quiteira Maria Ferrão, sua mulher
- 15—Ana Perpétua, filha.
- 16—Lusia Maria de S. João, aia.
- 17—António de Freitas, do Pôrto da Cruz.
- 18—António dos Santos, carpinteiro, serrador e lavrador.
- 19—Maria de Freitas, sua mulher.
- 20—António, filho.
- 21—Francisco, filho.
- 22—Joana, filha.
- 23—Antónia, filha.
- 24—Vicência, filha. Todos naturais da freguesia de S. Vicente.
- 25—Manuel, filho de pais incógnitos, de Câmara de Lobos.
- 26—João Fernandes, solteiro da freguesia de S. Jorge.
- 27—Francisco Xavier Serrão, da freguesia de S. Martinho.
- 28—Maria de Jesus, sua mulher, da freguesia do Faial.
- 29—Bernada, filha.
- 30—António, filho.

O requerimento de Henrique Cesar Berenguer Bettencout teve parecer favorável do Conselho Ultramarino, e nêle se encontra escrito ser filho segundo de uma das principais famílias da Ilha da Madeira, com poucos cabedais para poder manter-se em estado condicente á sua pessoa.

Na sua varonia se conservou sempre o fôro de fidalgo desde seu terceiro avô, e actualmente desempenha as funções de «Capitão da Salla do General» na Fortaleza de S. Lourenço.

Pede, lhe seja conservada a sua patente e se lhe dê uma ajuda de custo, equivalente á grande despêsa que vai fazer na mudança de sua casa e estabelecimento na povoação do lugar que lhe fôr designado, tendo em atenção aos serviços que tem feito e á qualidade de sua pessoa.

«Parece ao Conselho que o transporte do suplicante e o seu estabelecimento no Brasil, pode ser muito condicente a facilitar o transporte de outros cazaes, visto a informação que delle dá o Dez.^{or} José da Costa Ribr.^o, e porque há notiçia que na Ilha da Madeira há tambem Cazaes q. se querem transportar ao Brasil, seja V. Mag.^e servido ordenar se pratique com este, o mesmo que tem ordenado com os dos Assores; e se escreva aos Gov.^{or} e Provedor da fazenda da Ilha da Madr.^a na mesma forma q. se escreveu aos Ministros das d.^{as} Ilhas; e como o supp.^e quer levar na sua companhia tres filhas, se dê para casamento de cada hua dellas, meya legoa de terra emquadra de sesmaria e o mais que se manda dar a cada hum dos casaes que naquella parte se estabelecerem, dandosse tambem ao mesmo supp.^e meya legoa de terra emquadra, sem embg.^o de se dar a cada hum dos casaes hum quarto de legoa, e vistas as razões que o supp.^e refere e informação que delle há, se lhe dem cento sincoenta mil reis de ajuda de custo para o transporte com as seguranças necessarias; e hua Pat.^e de Capitão de ordenanças do districto aonde se lhe determinar o seu estabelecim.^o com declaração q. não terá menos de sincoenta cazaes na sua jurisdição; o que he conven.^e acautellar p.^a que se não multipliquem os cargos das ordenanças desnecessariamente, no que há grande facilidade no Brasil, com menos reputação dos cargos e inconvenientes q. resultão do argumento privilegiados eizentos dos incargos da republica. Lx.^a 16 de Novembro de 1746».

Tem o despacho:

Como parece

Lx.^a 22 de Dez.^o de 1756

com rubrica de S. Mag.de

Foi êste o fidálgo o tronco dos Berengueres da Ilha de Sta. Catarina.

«Pavane pour une Infante Défunte»

*Na névoa se embuça
O rio Guadiana
Na névoa soluça
A extrenha pavana...*

*O grave acalanto
Das vozes de outrora
Se casa ao quebranto
Que do êrmo dossora.*

*Que treva transida
De frio! no fundo
Dos olhos sem vida
Albeios ao mundo...*

*—Fidalga manchega,
Levanta da cama
Que a noite já chega
Que a lua te chama!*

*O corpo de pluma
Suspenso no ar
Esvoaça na bruma
Banhado em luar.*

*Na névoa que lhe unta
O rosto de loiça
A graça defunta
Dos seios baloiça*

*Seu vulto á maneira
De um lírio erradio
Dansando se abeira,
Das aguas do rio.*

*O lasso compasso
Da dansa se esvai...
Que doce cansaço
Nos ombros lhe cai!*

*A infanta esmorece ...
Num sôpro a pavana
Se cala ... amanhece
No rio Guadiana ...*

*—Fidalga manchega,
Repousa na cama
Que o dia já chega
Que a tumba te chama...*

P. Leão de Moura
Funchal, Janeiro de 1945